

AGRONEGÓCIO DO DENDÊ NA AMAZÔNIA PARAENSE: Análise da microrregião de Tomé-Açu.

Jakeline Brito¹

Resumo

Este trabalho parte da análise das perspectivas das dinâmicas do espaço agrário paraense. Modificações essas que tem suas particularidades no período do dendê na Amazônia. Na tentativa de traçar uma abordagem histórica do agronegócio na Amazônia, esse trabalho faz um levantamento de dados secundários a partir de uma revisão bibliográfica e consultas a sites reunindo uma série de informações que dão destaque geral para expansão do cultivo, e extração do dendê no Pará, dando ênfase ao nordeste paraense mais especificamente na microrregião de Tomé-açu.

Palavras-chave: Dendeicultura, Espaço Agrário, Tomé-Açu.

Introdução:

O presente artigo se propõe analisar a expansão da dendeicultura na microrregião de Tomé-Açu. Com intuito de mostrar em diferentes períodos históricos a produção dessa cultura no Pará. Para isso foi feita uma pesquisa bibliográfica a partir de fontes secundárias dentre essas, resultados do Grupo de Pesquisa Dinâmicas Territoriais do Espaço Agrário Amazônico (GDEA). Na tentativa de traçar uma abordagem histórica do agronegócio na Amazônia, este se propõe a reconstruir uma serie de informações que dão destaque geral para expansão do cultivo, e extração do dendê no Pará, dando ênfase ao nordeste mais especificamente na microrregião de Tomé-açu. Com o intuito de fazer uma breve descrição dos planos, programas e projetos do Estado para o desenvolvimento da dendeicultura no Pará. Como ocorreu a implantação das empresas, quais são e onde estão instaladas e qual a finalidades das mesmas. Dada sua capacidade de reestruturar a configuração territorial, modificando a paisagem, e transformando as relações de trabalho nos locais, nos quais se expande essa cultura.

Expansão do dendê na amazônia paraense

¹ Graduanda em Geografia da Universidade Federal do Pará- bolsista de iniciação científica- (FAPESPA); integrante do grupo de pesquisa GDEA- - Grupo de Dinâmicas Territoriais do Espaço Agrário da Amazônia Email: jake_line_almeida@hotmail.com.

O dendezeiro é uma palmeira nativa das áreas florestadas da parte ocidental e central da África. Foi trazida ao Brasil no período colonial. Dados da EMBRAPA mostram em diversas publicações a cronologia do cultivo de dendezeiro na região amazônica. Essas datam a década de 1940, as sementes sendo oriundas do estado da Bahia, trazidas para o Pará, pelo antigo Instituto Agrônomo do Norte (IAN). Tendo esse cultivo diversas fases ao um longo período de tempo, desde experimentação da Sudam, até a expansão das grandes empresas para a produção de biodiesel. Segundo Miranda as primeiras tentativas de implantação do cultivo de dendê na Amazônia não foram resultados de uma política de Estado, mas fruto de interesses individuais e só depois institucionais ligados a órgãos de pesquisas na região. Seguindo após isso diversos estudos se deram para a possibilidade do cultivo na região, notadamente na região Amazônica, que dispõe de condições edafoclimáticas muito favoráveis a esta palmeira.

A partir de 1964, a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia buscou viabilizar a implantação de um projeto piloto de dendê no Pará, assim foram feitos diversos acordos de cooperação técnica com outros centros. Passando no ano 1965 para Sudam (Superintendência do desenvolvimento da Amazônia), com objetivo de implantação de usina de processamento de cachos com frutos frescos. A primeira plantação comercial de dendezeiros no Pará, datam 1968, estava localizada na rodovia PA-391, Município de Benevides (PA), atual Município de Santa Bárbara. Desde então houveram diferentes projetos para pequenas e médias plantações em alguns municípios do estado do Pará, como em Santa Isabel do Pará, Santo Antônio do Tauá, Benevides e Ananindeua.

Em 1974 o plantio passou a ser competência da Denpasa(Dendê do Pará). Desde então outras empresas foram criadas ou fundidas, dentre essas, a Agropalma, Marborges, Biopalma, Belém bioenergia Brasil, dentre outras. Segundo dados da EMBRAPA, a partir dos anos 1980 Promak Indústria Mecânica Ltda., atualmente Usican Indústrias Mecânicas, permitiu que o Pará tivesse condições de construir usinas de extração de óleo de palma, competindo com as multinacionais do porte da Stork, DeVecker e Máquinas Piratininga. A partir disso houve aprovação de diversos projetos para implantação de usinas sendo algumas financiadas Banco Nacional de Crédito Cooperativo (BNCC).

Com um discurso de desenvolvimento, o dendê se apresenta como um meio, sendo capaz de gerar renda e desenvolver o campo, com sustentabilidade, em escala industrial é que a expansão do monocultivo do dendê entrará em cenário paraense, pois essa conta com o

apoio estatal desde a década de 1960. Percebe-se no contexto histórico a exaltação dos meios técnicos para o processamento da dendeicultura dada as possibilidades que o Pará apresenta em aspectos físicos viável para a produção do dendê. De parcerias com instituições estrangeiras até políticas de Estado concretizadas, a monocultura do dendê se expande sustentada nesse discurso de desenvolvimento econômico. Segundo (NAHUM; MALCHER, 2012) políticos, empresários e comerciantes regionalmente conhecidos promoveram varredura fundiária em busca de imóveis rurais potencialmente qualificados para esse cultivo. Baseado na ideia de evento de (SANTOS, 2012) o grupo de pesquisa GDEA, acredita que de um longo período histórico, o dendê surge como um *evento*, sendo um resultado de um feixe de vetor, conduzido por um processo, levando uma nova função ao meio preexistente. É possível notar que no processo de implantação dessas políticas, houveram inúmeras modificações estruturais nas quais percebe-se a construções de estradas pavimentadas e rede de energia elétrica, dentre outras, esses são portanto, arranjos técnicos e políticos para consolidar-se, compreendendo tal expansão agricultura de energia (NAHUM; MALCHER, 2012), sendo assim, a cultura do dendê reorganizar o espaço, a paisagem, a configuração territorial e, fundamentalmente, as formas de uso do território, possibilitando a ressaltar as políticas que fomentaram seu desenvolvimento enquanto políticas públicas espaciais (STEINBERGER, 2006).

Tendo abrangência de interesses empresarias local e interesses externos. É preciso dizer que, sobretudo o período geográfico do dendê está subordinado a um comando exógeno. Pois hoje temos o mercado de commodities de óleo de palma. Basta lembrar que estamos no período da globalização à lógica do mundo no lugar. Para Santos o lugar é um conjunto de possibilidades, perceber-se isso na microrregião de Tomé-Açu. A globalização, segundo concepção de Milton Santos, pode ser entendida como o período histórico no qual a ciência, a técnica e a informação comandam a produção e o uso dos objetos, ao mesmo tempo em que impregna as ações e determinam as normas. Como evidências dessas transformações atuais, temos o progresso das telecomunicações e dos transportes, a agricultura moderna desenvolvida em áreas antes periféricas, as novas áreas industriais, o papel das finanças, a informação que se irradia no território.

No estado do Pará é possível vislucrar essas transformações, sobretudo nas áreas de expansão da dendeicultura. É importante frisar que por meio da Lei nº 11.097 de 13 de janeiro de 2005, é lançado Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB), agora esse procurará garantir reserva de mercado de biodiesel, como também fomenta sua produção

a partir de diversas fontes, condicionando a vertiginosa expansão da dendeicultura na Amazônia Paraense a partir do referido momento.

Outra política que se orienta nesse sentido é o Programa de Produção Sustentável do Óleo de Palma no Brasil (PSOP), lançado em 06 de maio de 2010 e que continha em seus objetivos o disciplinamento da expansão da produção de óleo de palma no Brasil, a fim de fornecer meios que garantiriam uma produção em bases ambientalmente e socialmente sustentáveis. No seio deste programa ainda foi aprovado por meio do Decreto nº 7.172 um de seus principais instrumentos: o Zoneamento Agroecológico do Dendê (ZAE – Dendê), o qual identifica cerca de 23.276,73 km² de área preferencial para o cultivo da palma, distribuídos por 53 municípios, e 69.999,88 km² de área regular, distribuídos por 66 municípios, dentre os quais está Tomé-açu. Segundo a EMBRAPA, atualmente, o Pará é o maior produtor de dendê no Brasil sendo responsável por mais de 90 % da produção nacional de óleo de palma, com 55.066 ha plantados com dendezeiros (AGRIANUAL, 2006) e produtividade média de 3,32 toneladas de óleo por hectare anualmente nas plantações adultas (VEIGA et al., 2001). A organização da produção está assim constituída: três grandes empresas (Agropalma, Marborges e Yossam). O mapa a seguir mostra a configuração da localização das principais empresas de dendeicultura no Pará até o ano de 2015.



Mapa 1: Localização das empresas dendeicultoras até o ano de 2015.

Fonte: GDEA, 2015

Alguns especialistas frisam que a cultura do dendê ocupa um destaque cultivado de oleaginosas. A palma fornece quase um terço da produção global de óleos vegetais. O Brasil está entre os países responsáveis pela produção mundial de óleo de palma. Apesar de não ter grandes expressões como Indonésia ou Malásia, esses são responsáveis por uma grande parte da produção mundial. Estimativas de 2015 do departamento de agricultura dos Estados Unidos, a Indonésia, com 24.500,00 mil/ton é o maior exportador de óleo de dendê. O Brasil encontra-se na 14ª posição com 110 mil/ton. Em relação ao consumo doméstico. O Brasil se encontra na 23ª posição com 475 mil/ton, indicando o quanto o mercado consumidor está em expansão.

É possível notar a grande expressividade da produção de óleo de dendê no Brasil. Tendo esse, ampla aplicação na indústria cosmética e alimentícia, sendo usado na fabricação de sabonetes, biscoitos, pães e sorvetes. O que nos faz pensar nas intencionalidades da produção desses, daí surge inúmeras indagações, sobre comercialização das grandes empresas que hoje fazem da cultura do dendê um emblema de discurso de desenvolvimento na região. Pois essas possibilitam recursos tecnológicos com o apoio do Estado para propiciar sua produção em grande escala, que finalidade sustenta essa difusão.

É válido falar em fronteira agrícola, um lugar de possibilidades, inúmeras modificações esses lugares passam a presenciar, pois esses vão sendo modificados em função da dinâmica do mundo. Como bem ressaltou Becker (1994), a Amazônia é uma fronteira gigantesca no limiar do século XXI. A Amazônia sempre foi alvo dos interesses e investimentos do grande capital, contudo compreender esta lógica e sua nova configuração, é interpretar as novas reconfigurando sua dinâmica territorial.

Faz-se, relevante lembramos, que em cenários nacionais que a Amazônia a partir da década de 1960, torna-se prioridade de programas e projetos de ocupação do Estado. E nesse cenário teremos a criação da SPVEA-Superintendência do plano de valorização econômica da Amazônia, criada em 1953. É a SPVEA, um dos meios utilizados pelo Estado para as políticas do dendê na Amazônia. Podemos dizer que na microrregião de Tomé-açu, há intensas transformações territoriais, desde chegada das grandes empresas produtoras do dendê na região marcos da década de 1970. Segundo Carvalho; Nahum (2013), esses demarcam uma periodização da dendeicultura, um período do dendê na Amazônia paraense, segundo os

autores, este pôde ser subdividido em três subperíodos e permite perceber a gradação no desenvolvimento desse monocultivo. Os mesmos autores frisam que nos períodos do dendê foi imprescindível a ação do Estado, o papel das técnicas e os usos do território. O primeiro período seria o da especulação, a técnica tendo um papel decisivo para a sua implantação, pois levou a experimentos que identificaram áreas favoráveis ao desenvolvimento dessa cultura, possibilitando a entrada de novos investidores. O segundo período identificado como período das transformações, com as ações estatais mais claras e com a intensificação da dendeicultura; o terceiro seria um subperíodo, identificado como o período do *boom* do dendê, vem à tona com a implantação do Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB) lançado em 2004, que inicia o *boom* desta cultura que é conhecido atualmente.

Vale ressaltar que tal crescimento vertiginoso não se dá apenas pelos arranjos técnicos e políticos estruturados pelo Estado, mas também é influenciado pela contínua expansão geográfica que as lavouras de dendê apresentam a nível mundial, visto que essa *commodity* se depara com o esgotamento de espaços para plantio na Ásia (continente onde estão a Indonésia e Malásia, os maiores produtores mundiais) e avança em direção da África e América Latina já tendo um destaque expressivo o Peru. Essa expressividade da cultura do dendê, nos remete ao que Santos, aborda como novas formas do capitalismo no campo e na cidade.

A penetração, no campo, das formas mais modernas do capitalismo conduz a dois resultados complementares. De um lado, novos objetos geográficos se criam, fundando uma nova estrutura técnica; de outro, a própria estrutura do espaço muda. Designações tais como “região urbana ou zona rural” ganham um novo conteúdo. (SANTOS, 2014, p. 92)

O dendê tem se expandido na Amazônia paraense, mudado a configuração territorial, alterado a paisagem, dinamizado o trabalho, com uma nova lógica de mercado no rural, o dendê torna-se parte de um global que altera o local.

Dinâmicas territoriais do dendê na microrregião de Tomé-Açu.

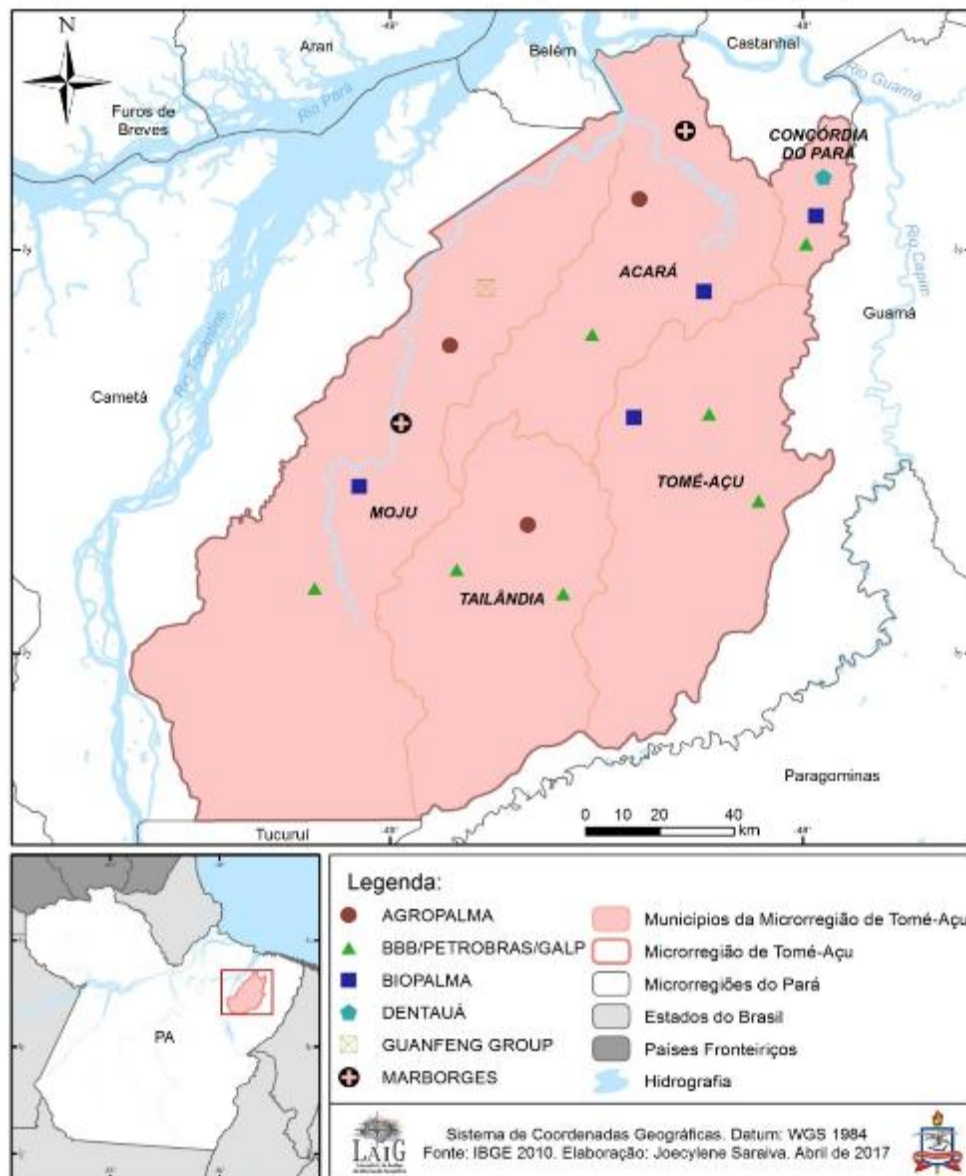
A expansão da dendeicultura no nordeste paraense se deu efetivamente no início do século XXI com o Plano Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB). É preciso ressaltar que desde chegada do dendê na microrregião de Tomé-Açu, houve inúmeras dinâmicas espaciais em alguns municípios no Pará, sobretudo os que compõem a microrregião de Tomé-Açu, dinâmicas essas vista inicialmente nos municípios de Moju, Acará e Tailândia onde houve hegemonização pelo Grupo Agropalma, atuante no segmento agroindustrial desde 1982, quando constituiu a primeira empresa denominada Companhia Real Agroindustrial S.A (CRAI) para desenvolver um projeto de cultivo de palma e extração de óleo de palma e óleo de palmiste em uma área de cinco mil hectares no município de Tailândia.

Nessa expressividade nota-se algumas empresas como a BIOPALMA, presente nos municípios de Moju, Tomé-Açu, e Concórdia do Pará; GUANFENG GROUP, em Moju; MARBORGES, em Moju e Acará; BIOVALE, Petrobrás Biocombustíveis e GALP Energia presente em todos os municípios da Microrregião de Tomé-Açu, se estruturaram em função das políticas de Estado para facilitar a produção de óleo de palma na região, a saber: o Plano Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB) em 2004 e o Programa de Produção Sustentável de Palma de Óleo em 2010.

Um cenário marcado por incentivos fiscais, com apoio do banco mundial desde 1983, a DENPASA, dentre outros incentivos que se vislumbra no território paraense, até o período atual. Assim o óleo de palma e seus derivados têm diversas aplicações nas indústrias alimentícias e óleo-química para o biodiesel. Na indústria alimentícia o óleo de dendê é destaque no comércio e consumo entre os 17 principais óleos comestíveis do mundo. Dados da Embrapa-2016 registram que o crescimento da demanda mundial desses óleos vem ocorrendo principalmente em razão do crescimento populacional, haja vista que os maiores consumidores domésticos, registrados em fevereiro de 2016, foram Índia, Indonésia, União Europeia e China, que consumiram 50% do total mundial de 62.526 mil toneladas (USDA, 2016). Enquanto em países como Índia e China o óleo de dendê é utilizado na alimentação, em países da União Europeia, é usado na produção de biodiesel. No que se refere à produção nacional de óleo de dendê, o estado do Pará é o maior produtor brasileiro, com 57,19% da área, 85,18% da produção e a produtividade média de 16,41 t/ha de cachos de frutos frescos, superior à nacional (11,01 t/ha), (EMBRAPA 2016).

No mapa abaixo é possível observar a presença de algumas empresas na microrregião de Tomé-Açu, tendo uma grande expressividade no Pará a Petrobrás biocombustível e a Biovale, essas duas empresas instaladas no Estado em 2010, dado o investimento do programa do zoneamento ecológico da cultura da palma de óleo, o Estado teria como um dos objetivos apoiar investimentos em plantios e recuperar áreas devastadas na Amazônia. Fatos como esses, dentre outros como programa da produção sustentável de óleo no Brasil. Teria fomentado a expansão da cultura de palma no estado, inclusive na microrregião de Tomé-Açu.

Empresas dendeicultoras na Microrregião de Tomé-Açu (PA) em 2016



Mapa 2: Localização das empresas dendeicultoras na microrregião de Tomé-açu, até o ano de 2016. Elaboração: Saraiva.

Após o lançamento em 2010 do Programa de Produção Sustentável de Óleo de Palma no Brasil (PSOP), só na microrregião de Tomé-Açu, foram identificados cerca de 395.120 ha de áreas preferenciais para o cultivo e 1.125.211 ha de áreas regulares, ressaltando que no município de Tomé-Açu, segundo o ZAE – Dendê, foram identificados cerca de 279.211 ha considerados regulares para a dendeicultura conforme a tabela abaixo que mostra as áreas de cultivo do dendê por hectare, em cada município da microrregião de Tome-Açu. Dados referentes: Decreto 7.172 de 7 de maio de 2010.

Municípios	Área para cultivo (hectare)	
	Preferencial	Regular
Acará	209.028,96	367.265,26
Concórdia do Pará	30.288,60	38.830,32
Moju	155.803,32	245.466,36
Tailândia	0,00	194.526,36
Tomé-Açu	0,00	279.123,48
TOTAL	395.120,88	1.125.211,68

Tabela 2 – Áreas preferenciais e regulares para plantação de dendê na microrregião de Tomé-Açu. Fonte: Decreto 7.172 de 7 de Maio de 2010, organizada GDEA.

Considerações finais

A expansão da dendeicultura no nordeste paraense, fornecem subsídios para pensarmos nas diversas modificações que essa cultura trouxe e tem trazido para o espaço

agrário na Amazônia. De início com discurso de desenvolvimento, ainda permanecendo com uma perceptiva de inclusão social e desenvolvimento sustentável. Temos a implantação de técnicas, de políticas, planos que fomentaram a expansão ao longo de décadas e que até nos dias atuais alcançam o ápice desse processo. Não há como negar que em virtude da chegada das grandes empresas produtoras do dendê, estas trouxeram melhorias quanto o acesso viário, nesses municípios, também aumentou a oferta de emprego no local, porém há fatores que precisam ser vistos, indagando de que forma as modificações do dendê tem beneficiado a região, os pequenos produtores, comunidades tradicionais.

O monocultivo, sem dúvida manifesta-se como uma nova forma geográfica, com intencionalidades diversas. Essa altera o modo de vida do camponês, sendo que na lógica do agronegócio a terra não é mais um meio de sobrevivência e sim um meio de produção e reprodução da lógica do capital. Segundo a ABRAPALMA (Associação Brasileira de produtores de óleo de palma) dados de 2011, o Brasil está entre os dez países que mais produz óleo de palma no mundo, com uma produção de 300 mil toneladas de óleo de palma. A maior parte provém do território paraense. A grande questão aqui levantada não seria apenas, na produção e comercialização do dendê, mas, sim as novas formas de subordinação do território sobre uma ideologia do discurso do dendê para o biodiesel, sendo que é possível vislumbrar que expansão da produção de dendê no Estado do Pará se intensifica depois de 2010, com o aumento dos investimentos trazido pelo Zoneamento Agroecológico do Dendê, articulado pelo governo federal. E, após com incentivos para a produção do dendê para o biodiesel. É, portanto em torno desse discurso e das modificações, no cenário da Amazônia paraense, que nossa tentativa se debruça em mostrar as múltiplas transformações do espaço agrário paraense causados pela dendeicultura, desde ações do Estado até as implantação das grandes empresas produtoras do dendê no Estado.

Referências Bibliográficas

BECKER, B. **Amazônia**. Rio de Janeiro. Ática: 1999.

BECKER, B. e EGLER, C. A. G. **Brasil: uma nova potência regional na economia-mundo**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CARVALHO, A. C. A; NAHUM, J. S. Período do Dendê na Amazônia Paraense. In: (org) NAHUM, J. S. **Dendeicultura e dinâmicas territoriais do espaço agrário na Amazônia Paraense**. Belém: GAPTA/UFPA, 2014.

CARVALHO, A. C. A. **As metamorfoses do trabalho e no espaço a partir da dendeicultura em Tomé-Açu (PA): estudo de caso na Vila Forquilha**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém, 2016. 117 f.

EMBRAPA. Boletim de Pesquisa e desenvolvimento. Importação e Exportação de Óleo e Palmiste de Dendezeiro no Brasil (2010–2015). ISSN 1517-1981 Outubro 2016.

GLASS Verena. G. O relatório “Expansão do dendê na Amazônia brasileira: elementos para uma análise dos impactos sobre a agricultura familiar no nordeste do Pará” é uma realização do Centro de Monitoramento de Agrocombustíveis da ONG Repórter Brasil.

Müller, Antonio Agostinho. **A Embrapa Amazônia Oriental e o agronegócio do dendê no Pará** / Antonio Agostinho Müller, José Furlan Júnior, Pedro Celestino Filho. -- Belém, PA : Embrapa Amazônia Oriental, 2006.

NAHUM, JOÃO; SANTOS, CLEISON . UMA INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA DA DENDEICULTURA NA AMAZÔNIA PARAENSE. **Revista da ANPEGE**, v. 11, p. 309-331, 2015.(A2)

NAHUM, J. S.; SANTOS, C. B. A dendeicultura na Amazônia paraense. *Geosp – Espaço e Tempo (Online)*, v. 20, n. 2, p. 281-294, mês. 2016. ISSN 2179-0892.

NAHUM, J.S.; SANTOS, C. B. . O boom do dendê na microrregião de Tomé-Açu, na Amazônia paraense *L'essor de la palme à huile dans la micro-région amazonienne de Tomé Açu, Pará* *The oil palm boom in the brazilian amazon region of Tomé-Açu, Pará.* **Confins (Paris)**, p. 1-14, 2015.(A2)

NAHUM, J. S; MALCHER A. T. C. Dinâmicas territoriais do espaço agrário na Amazônia: a dendeicultura na microrregião de Tomé-Açu (PA). **Confins [Online]**, 16 | 2012, Disponível em: <<http://confins.revues.org/7947>>. Acessado em: 22 agosto 2017.

ROCHA, Gilberto de Miranda R. – *O dendê como projeto de estado: uma alternativa econômica, social e ecológica para a Amazônia*. observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal11/Geografiasocioeconomica.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. Fundamentos Teórico e metodológico da geografia. 6ª. Edição, 2ª reimpressão. Edusp. São Paulo 2014.

_____. **Natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 4ª. Edição, 8ª reimpressão. Edusp. São Paulo 2014.

_____. **Espaço método**. 5ª. Edição, 2ª reimpressão. Edusp. São Paulo 2014.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE.USDA. Foreign Agricultural Service. **Oilseeds: World Markets and Trade**. March. 2015.

VEIGA, A. S; FURLAN JÚNIOR, J; KALTNER, F. J. **Políticas Públicas na Agroindústria do DENDÊ na Visão do Produtor**. Belém(PA): Embrapa Amazônia Oriental, 2005.